



RELAÇÕES DE GÊNERO NO TRABALHO DOMÉSTICO

Conceição Garcia Martins ¹
Nanci Stancki da Luz ²
Marília Gomes de Carvalho ³

1 Introdução

Na tradicional divisão sexual do trabalho, às mulheres sempre coube a responsabilidade pela manutenção da casa e do cuidado com os membros da família e aos homens o papel de provedor. Os movimentos feministas questionaram essa divisão, possibilitaram a conquista do direito ao trabalho profissional, alteraram a concepção de trabalho masculino e feminino e contribuíram para que as mulheres ocupassem cargos nos mais diferentes campos profissionais.

Nesta perspectiva é importante a discussão sobre as implicações da entrada das mulheres nas atividades profissionais para a organização e distribuição do trabalho no âmbito doméstico, pois sendo essencial para a manutenção da vida das pessoas, deveria ser responsabilidade de todos, mas o que se observa ao longo dos tempos, é que elas foram naturalizadas como obrigação única das mulheres.

Dessa maneira, este artigo apresenta uma discussão sobre a divisão do trabalho doméstico em residências de famílias de mulheres trabalhadoras. Para isso, foi realizada uma pesquisa quantitativa, por meio de um questionário eletrônico, respondido por cento e vinte mulheres trabalhadoras do Instituto Federal de Santa Catarina. Os resultados obtidos na investigação demonstram que mesmo que essas mulheres tenham ocupado lugar mercado de trabalho, no ambiente doméstico são elas que permanecem assumindo a maior parte das tarefas domésticas, sendo os homens vistos como colaboradores, mesmo quando essas mulheres contribuem com a maior parcela da renda familiar.

2 O fim do patriarcalismo?

CASTELLS (1999) afirma que “o patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas” e que esta se caracteriza pela autoridade imposta do

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Tecnologia da Universidade tecnológica Federal do Paraná. Professora do Instituto Federal de Santa Catarina – cmartins@ifsc.edu.br

² Doutora em Política Científica e Tecnológica. Professora do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e do Departamento Acadêmico de Matemática da Universidade tecnológica Federal do Paraná – nancist@terra.com.br

³ Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – mariliagdecarvalho@gmail.com



homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar. afirma que o patriarcalismo permeia toda a organização da sociedade, da produção e do consumo, à política, à legislação e à cultura.

O autor ressalta que vivemos um momento de crise desse modelo familiar que pode ser observado por meio dos seguintes aspectos: a) o enfraquecimento das estruturas de dominação provocada pelos movimentos das mulheres; b) as crises matrimoniais; c) os fatores demográficos, como a diferença da taxa de mortalidade entre os sexos e o envelhecimento da população; e d) a instabilidade familiar e a crescente autonomia das mulheres com relação ao seu comportamento produtivo. Para o autor, isto não significa o fim da família, pois outras formas familiares estão sendo constituídas, mas o que deverá se extinguir ao longo do tempo é a família patriarcal baseada no modelo de dominação masculina.

Bourdieu (1995) não tem uma visão tão otimista quanto Castels. O autor trata das diferenças entre os sexos, ressaltando como dominação masculina e a submissão feminina foram construções sociais que se naturalizaram. Faz essa reflexão a partir da observação dos habitantes de Cabília e transpõe essas observações para as demais sociedades. Segundo o autor, a visão dominante da divisão sexual está expressa nos discursos, nos espaços, na organização do tempo, nas práticas das técnicas e dos rituais e principalmente nas técnicas do corpo, ou seja, no *habitus* e na *hexis* corporal, funcionando “como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação”.⁴

O autor discute a força simbólica da oposição entre os sexos, pois “Todo poder comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados.”⁵ Essa relação de poder faz com que a dominação masculina pareça natural, resultado de um processo de inculcação coletivo trabalhado sobre os corpos, onde as diferenças entre os sexos biológicos se transpõem para diferenças sociais e onde a educação tem forte influência.

Bourdieu (1995) expressa que em relação às oposições entre os sexos, a revolução industrial reafirmou a oposição entre o exterior e o interior, pois aos homens coube o universo da empresa, orientado para a produção e o lucro e às mulheres o universo da casa, voltado para a reprodução biológica, social e simbólica do lar. Segundo o autor, a entrada das mulheres no mercado de trabalho provou um deslocamento dessas fronteiras, sem conseguir anulá-las. Além disso, “a entrada das mulheres na vida profissional forneceu uma prova manifesta de a atividade doméstica

⁴ BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: *Educação e Realidade*, 1995, p.137.

⁵ Idem, p.142.



não é socialmente reconhecida como um verdadeiro trabalho; na verdade, negada ou denegada por sua própria evidência, a atividade doméstica continuou a se impor as mulheres por acréscimo”.⁶

Segundo Bourdieu, a libertação das mulheres acontecerá quando elas subverterem as estruturas fundamentais do campo de produção e circulação dos bens simbólicos, pois esse lhes dá uma liberdade aparente para obter uma “submissão solícita e sua participação ativa num sistema de exploração e de dominação do qual elas são as primeiras vítimas”.⁷

Se, segundo Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder. Como elemento constitutivo das relações sociais, o gênero se manifesta nos símbolos culturalmente disponíveis; nos conceitos normativos que expressam as interpretações dos significados dos símbolos, tentando limitar e conter suas possibilidades metafóricas; na representação binária do gênero, como elemento de concepção política e suas referências às instituições e à organização social; e no aspecto do gênero como identidade subjetiva.

A autora esclarece ainda, que o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é único campo, mas se apresenta como uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. Segundo a autora, o gênero fornece um meio de decodificação do significado e de compreensão das complexas conexões entre as várias formas de interação humana.

Neste sentido consideramos que a compreensão das resistências masculinas em assumir o trabalho doméstico e a aceitação por grande parte das mulheres da responsabilidade sobre as atividades no âmbito doméstico está associada a relações de poder assimétricas estabelecidas entre homens e mulheres e a existência de uma hierarquização entre atividades masculinas e femininas. A compreensão dessa realidade e, particularmente das formas de reprodução da tradicional divisão sexual do trabalho, dependem do conhecimento da realidade e da análise das permanências, avanços e retrocessos nas formas de organização do trabalho tanto no âmbito público quanto no privado.

3 O trabalho doméstico

Hirata e Kergoat (2007) tratam da divisão sexual do trabalho a partir de duas acepções: a acepção sociográfica, que estuda a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho e a divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos; e que desta primeira acepção

⁶ BORDIEU, Pierre, *op cit.*, p.170.

⁷ BORDIEU, Pierre, *op cit.*, p.173.



deriva uma segunda que deve permitir ir além da constatação das desigualdades na divisão sexual do trabalho, mas mostrar que as desigualdades são sistemáticas e também permitir a articulação dessa descrição como uma reflexão sobre os processos que a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades e também o sexo, criando um sistema de gênero.

Para as autoras, esse conceito de divisão social do trabalho está apoiado em dois princípios: 1) princípio da separação – existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e 2) princípio hierárquico, pois o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher. Esses dois princípios são encontrados em todas as sociedades e legitimados pela ideologia naturalista. As autoras observam que a divisão sexual do trabalho não é imutável, tem plasticidade e apontam que o que é imutável é a distância entre os sexos.

Sobre as relações entre a esfera doméstica e a esfera profissional, Hirata e Kergoat (2007) apresentam os diferentes modelos de papéis sexuados que são: o modelo **tradicional** – o homem como provedor e a mulher responsável por todo o trabalho doméstico; o modelo de **conciliação** – onde a mulher assume, ou melhor, concilia o trabalho doméstico com o trabalho profissional; o modelo de **parceria** – este modelo está baseado na igualdade de estatutos sociais entre os sexos, onde mulher e o homem, como parceiros, dividem as tarefas domésticas; e o modelo de **delegação** – onde o trabalho doméstico é terceirizado e realizado por alguém contratado para tal. O modelo da delegação gera uma reação em cadeia sobre as mulheres, pois as trabalhadoras domésticas conciliarão suas tarefas domésticas ou as delegarão para outra mulher.

4 A pesquisa sobre gênero e trabalho doméstico

Com o objetivo de compreender como se dá a divisão de tarefas entre os sexos no ambiente doméstico das mulheres trabalhadoras, organizou-se uma pesquisa com as mulheres casadas ou em união estável e que trabalham no Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC).

Esse universo foi escolhido, pois como pode ser observado no Quadro 1 há uma predominância masculina entre os trabalhadores, na relação de 40% de mulheres para 60% de homens. É importante observar que mesmo não sendo a maioria, as mulheres têm posição de destaque na Instituição, ocupando vários cargos de chefia: a reitoria, três pró-reitorias (das cinco existentes), várias diretorias e direções dos *campi*.



Esse contexto é bastante diferenciado da maioria das Instituições de Ensino da Rede Federal no Brasil, pois nas Universidades Federais, de um total de 55, têm-se apenas 8 reitoras⁸, e nos Institutos Federais são 5 reitoras⁹, para um total de 37 instituições, o que demonstra que no IF-SC há uma situação política interessante para as mulheres.

Quadro 1. Distribuição dos(as) servidores(as) do IF-SC por campus e por sexo.
 Fonte: Diretoria de Gestão de Pessoas do IFSC. (12/02/2010)

Campus	Docentes			Técnicos-administrativos			Total por campus
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	
Araranguá	21	19	40	19	12	31	71
Caçador	1	0	1	0	0	0	1
Canoinhas	0	1	1	0	0	0	1
Chapecó	25	8	33	14	15	29	62
Continente	9	30	39	10	22	32	71
Criciúma	1	0	1	0	0	0	1
Florianópolis	200	96	296	106	74	180	476
Gaspar	1	0	1	0	0	0	1
Itajaí	1	0	1	0	0	0	1
Jaraguá do Sul	27	20	47	12	23	35	82
Joinville	29	21	50	14	19	33	83
Lages	0	0	0	0	1	1	1
Palhoça	1	1	2	0	0	0	2
São José	67	20	87	48	41	89	176
São Miguel do Oeste	1	0	1	0	0	0	1
Xanxerê	0	0	0	-	1	1	1
Reitoria	129	62	191	92	74	166	357
S/ INFO 26219	0	0	0	-	0	0	0
Total Masculino	513			315			828
Total Feminino		278			282		560
Total			791			597	1388

Observando essa condição, houve a motivação para conhecer a divisão sexual do trabalho no ambiente doméstico das mulheres que trabalham no IF-SC, ou melhor, como se dá a organização do trabalho na casa dessas mulheres. Elas assumem todo o trabalho? Ou dividem com seus companheiros?

4.1 Procedimentos metodológicos

Esse trabalho adotou a pesquisa do tipo quantitativa, empregando como instrumento de coleta de dados um questionário, aplicado *on-line*, por meio da ferramenta Google™ Docs.

O universo da pesquisa foi o das 560 mulheres trabalhadoras do IF-SC, distribuídas entre vários *campi* no estado catarinense, conforme pode ser observado no Quadro 1.

⁸ Fonte: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). Disponível em: <http://www.andifes.org.br>. Acesso em 01 de fevereiro de 2010.

⁹ Fonte: D.O.U. de 8 de janeiro de 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/port_reitores.pdf. acesso em 01 de fevereiro de 2010.



O questionário foi enviado por correio eletrônico às mulheres da Instituição, com auxílio do Setor de Marketing. A coleta de dados foi realizada entre os dias 19 e 26 de fevereiro de 2010 e dentre as respostas que recebemos, a análise restringiu-se às respondentes casadas ou em união estável. A partir desse critério, dentre as 142 respostas recebidas, apenas 120 foram utilizadas.

É importante esclarecer que além das perguntas objetivas, o questionário dispunha de um espaço para comentários e das 120 respondentes, 37 fizeram observações relativas à pesquisa.

4.2 Resultados e discussões

Das pesquisadas 53 são professoras e 67 ocupam funções técnico-administrativas. Elas provem das mais diversas áreas de formação, abrangendo as ciências agrárias, biológicas, da saúde, exatas e da terra, humanas, sociais aplicadas, bem como as engenharias e a lingüística, letras e artes.

As idades das respondentes distribuem-se da seguinte maneira: de 21 a 30 anos, 20%; de 31 a 40 anos 40,8 %; de 41 a 50 anos, 32,5%; e com mais de 50 anos 6,7%.

O nível de escolaridade das entrevistadas está apresentado no Quadro 2, onde pode ser observado que a formação mínima é o ensino médio completo, que possuem apenas 5% das mulheres.

Das respondentes, 55,8% afirmaram que moram com os filhos e 4,1% afirmaram que outras pessoas moram em suas casas. Essas pessoas são: pais, irmãos, primos e enteados.

Quadro 2. Nível de escolaridade das pesquisadas.
Fonte: Pesquisa de campo Quadro 2.

Escolaridade	Número de respostas	%
Nível médio completo	6	5,0
Graduação incompleta	7	5,8
Graduação completa	41	34,2
Mestrado incompleto	20	16,7
Mestrado completo	25	20,8
Doutorado incompleto	12	10,0
Doutorado completo	9	7,5
Total	120	100,0

Sobre a renda familiar das respondentes pode-se observar que 10,8% têm renda entre R\$ 1.001,00 e R\$ 3.000,00; 35% têm renda entre R\$ 3.001,00 e R\$ 5.000,00; 19,2% estão na faixa de R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00; 17,5% têm renda entre R\$ 7.001,00 a R\$ 9.000,00; e para 17,5% a renda familiar é superior a R\$ 9.000,00. Dessa maneira observa-se que 45,8% das entrevistadas têm renda familiar inferior a R\$ 5.000,00 e para 54,2% a renda é superior a esse valor.



Em relação à participação do salário das entrevistadas na renda familiar, apenas uma respondente afirmou contribuir com menos de 10% da renda familiar; 12 responderam que contribuem com valor entre 11 e 30%; 44 afirmaram que a contribuição é de 31 a 50%; outras 44 afirmaram que seus salários contribuem de 51 a 70% na renda familiar; 14 responderam que contribuem com valores entre 71 a 90%; e 5 contribuem com mais de 90% na renda familiar. Considerando o modelo tradicional do homem provedor, como aquele que sustenta a família, pode-se identificar aqui, mulheres que assumem esse papel, uma vez que a maioria delas contribui com mais de 50% da renda familiar.

Foi indagado às pesquisadas sobre quem realiza o trabalho doméstico em suas residências, cujas respostas indicam sempre a mulher à frente dessas atividades, contando em muitos casos com a “colaboração” do companheiro e do(a)(s) filho(a)(s). Das respostas ainda pode-se verificar que 20 contam com o apoio de uma empregada doméstica e 50 tem apoio de uma diarista.

Para as mulheres que contam com a ajuda de uma profissional (diarista ou empregada doméstica) também foi perguntado quem gerencia o trabalho e novamente, a mulher aparece como a gestora do trabalho doméstico, pois apenas 6 declararam dividir essa tarefa com o companheiro. Como escreveu uma das entrevistadas “Homens quando participam das atividades domésticas dizem “que estão ajudando” e nunca que têm a mesma parcela de responsabilidade. No período que estamos vivendo, é horrível pensar e agir dessa forma.” (Professora, 41 a 50 anos, contribuição de mais de 90% na renda familiar)

As pesquisadas foram questionadas sobre o sexo de quem realiza determinadas tarefas domésticas, os resultados podem ser verificados no Quadro 3. É importante ressaltar que os resultados demonstram que há algum compartilhamento dessas atividades, mas ainda é a mulher a responsável por elas. O percentual de homens que assumem sozinhos as tarefas domésticas específicas é muito pequeno. Eles ainda são vistos e por isso se vêem, em muitos casos, como colaboradores, pois como assinalou uma das entrevistadas

A divisão de tarefas entre os casais, ainda é um grande tabu. Na minha casa nós tentamos conciliar tudo, mesmo que às vezes algumas discussões ocorram por causa dessa divisão, por exemplo: se algo foi perdido a culpa é da mulher, se algo não foi feito a obrigação é da mulher. Os esposos esquecem que além da casa ainda temos que cuidar deles, dos filhos, de nós e da nossa vida profissional. (Pedagoga, 31 a 40 anos, contribuição na renda familiar de 71 a 90%)

Pelos resultados pode-se observar que as tarefas como lavar, passar e guardar a roupa, bem como limpar a casa e limpar banheiro são tarefas realizadas, em grande medida, pelas mulheres e as tarefas como fazer e guardas as compras, lavar, secar e guardar a louça são feitas por ambos. Fazer



as compras é a tarefa com maior índice de realização pelos homens, mas com um índice de participação muito pequeno, pois apenas 7,5% deles assumem sozinhos essa responsabilidade.

Quadro 3. Distribuição das tarefas domésticas por sexo.

Fonte: Pesquisa de campo.

Tarefa doméstica	Sexo de quem realiza					
	feminino		masculino		ambos	
	Número de respostas	%	Número de respostas	%	Número de respostas	%
fazer compras	28	23,3	9	7,5	83	69,2
guardar compras	54	45,0	1	0,8	65	54,2
preparar a comida	66	55,0	7	5,8	47	39,2
lavar a louça	45	37,5	4	3,3	71	59,2
secar e guardar a louça	41	34,2	7	5,8	72	60,0
limpar a casa	79	65,8	1	0,8	40	33,3
limpar banheiro	98	81,7	3	2,5	19	15,8
lavar a roupa	98	81,7	1	0,8	21	17,5
passar a roupa	95	79,2	1	0,8	24	20,0
guardar a roupa	90	75,0	1	0,8	29	24,2

As respondentes também foram questionadas sobre a proporção do trabalho doméstico assumido por elas e os resultados apontam novamente que as mulheres são as responsáveis pela maior parcela do trabalho doméstico, pois apenas uma respondeu ser responsável por 40% do trabalho doméstico e outras 11 responderam que dividem igualmente, as atividades, com seus companheiros. As demais afirmaram ser responsáveis por mais de 60% das tarefas, sendo que 13 delas realizam o trabalho, sozinhas. É importante ressaltar que dessas 13 mulheres que realizam o trabalho sozinhas, 6 contribuem com mais de 50% da renda familiar e uma delas é responsável por mais de 90% dos rendimentos da família.

Sobre o nível de satisfação que as mulheres têm em relação à divisão do trabalho doméstico, pode-se observar que apenas 18% das mulheres estão insatisfeitas, 52% parcialmente satisfeitas e 30% satisfeitas. Da parcela de 30% cento que estão satisfeitas, o que representa 36 mulheres, 21 contribuem com mais de 50% da renda familiar e dessas 21, apenas 6 dividem o trabalho equitativamente com seus companheiros, as demais declararam assumir 60% ou mais das tarefas domésticas. Uma das pesquisadas declarou que um elogio pode ser motivo de satisfação.

Vale salientar que mesmo me sentindo sobrecarregada nos afazeres da casa em comparação ao meu companheiro, tento não viver estressada com esta condição. Se der para esperar até o dia da faxineira vir, espero. Faço somente aquilo de extrema relevância para a manutenção da casa como lavar a roupa, fazer comida e lavar a louça. E por incrível que pareça - muitas feministas gostariam de me matar - muitas dessas vezes, faço as atividades domésticas com prazer e me sinto bastante recompensada com um simples elogio (da comida, por exemplo). (Professora, 31 a 40 anos, contribuição de 31 a 50% na renda familiar)



As entrevistadas também foram questionadas sobre o processo de divisão de tarefas e 36,3% responderam que este é tranquilo, 46,9% afirmaram que é negociado e 16,8% disseram ser este um processo conflituoso e que este conflito na grande maioria dos casos acontece com o companheiro.

Em relação ao tempo dedicado às tarefas domésticas, 32,5% afirmaram ser inferior a 10 horas semanais, 48,3% utilizam mais de 10 e menos de 20 horas semanais, 15,8% se dedicam mais de 20 e menos de 40 horas semanais e apenas 3,3% trabalham mais de 40 horas em atividades da casa.

Em relação ao tempo de lazer, 62% das pesquisadas afirmaram que o trabalho doméstico reduz o tempo de lazer e para 38% delas, isso não acontece.

5 Considerações

A análise dos papéis sexuais na divisão do trabalho doméstico, baseado em Hirata e Kergoat (2007) demonstra que as pesquisadas ocuparam o espaço no mundo do trabalho, passaram a contribuir na renda familiar, em muitos casos com a maior parcela, em alguns são as provedoras do lar, mas mesmo assim, mantém em seus territórios a estrutura dominante do modelo tradicional de família, onde a mulher é responsável pelo trabalho doméstico, fazendo a conciliação com o trabalho profissional.

Observa-se que, a divisão das tarefas domésticas, de maneira equitativa, entre homens e mulheres ainda não é uma realidade entre as pesquisadas, pois a maioria declarou ser responsável pela maior parcela das atividades domésticas. Isso demonstra que o modelo de parceria ainda está longe de ser alcançado pelas mulheres trabalhadoras do IFSC.

A delegação do trabalho doméstico é utilizada por uma parcela considerável das pesquisadas, seja de maneira parcial, quando contrata uma diarista ou de forma mais completa quando conta com a colaboração de uma empregada doméstica, mas em ambos os casos, cabe a essas mulheres a gestão do trabalho dessas profissionais.

Mesmo que estejamos observando o fim do patriarcalismo como coloca CASTELLS (1999) com as conquistas iniciadas pelos movimentos feministas, verificamos pelos resultados da pesquisa que as tarefas domésticas ainda são, em sua maioria, assumidas pelas mulheres, mesmo para aquelas que contribuem com a maior parcela da renda familiar. Isso demonstra que ainda há muito a ser feito, pois foi observado por uma das entrevistadas “O maior problema das mulheres da nossa faixa etária é que buscamos a independência trabalhando fora, e nos esquecemos de brigar para que



os maridos também trabalhem dentro de casa.” (Técnica em eletrotécnica, 41 a 50 anos, contribuição de 51 a 70% na renda familiar)

A pesquisa mostra que o trabalho doméstico foi naturalizado e está incorporado no modo de vida das mulheres e essas têm uma grande parcela da responsabilidade pela reprodução do modelo instituído, pois há indícios de que as mulheres estão lutando mais no ambiente de trabalho e resignam-se com a situação doméstica, talvez por estarem cansadas da luta constante pelo espaço profissional e a casa representar o lugar do aconchego.

Bibliografia

BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: *Educação e Realidade*, 1995. p.133-184.

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 169-285.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37 n. 132, p. 595-609, set/dez 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Vol. 20, no.2, Porto Alegre: UFRGS, 1995. p.71-99.